

O declínio da autoridade: efeitos na família e na escola*

Raymundo de Lima**

“O pai deixa à mãe o privilégio de uma sensorialidade comum com a criança.”

Philippe Julien

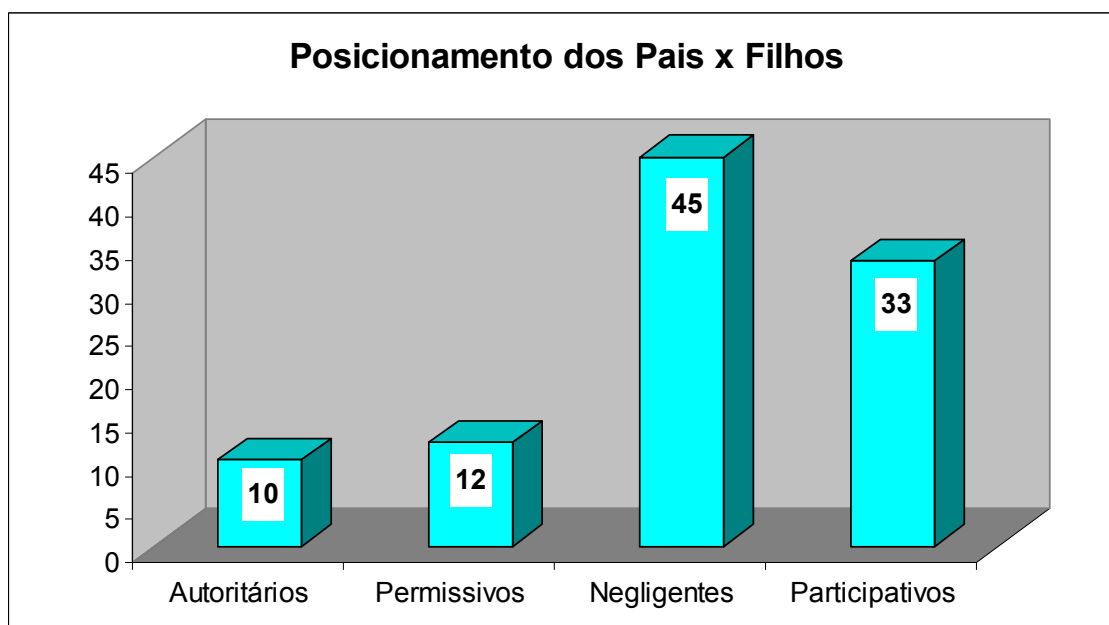
“A autoridade pedagógica não pode fundar-se no poder e na força, mas apenas na competência real e moral comprovada. Não deriva do carisma ou revelação mística, mas do diálogo racional, que revela a competência.”

Vocabulário Fundamental de Pedagogia

Introdução

Uma em cada três crianças norte-americanas não tem o pai em casa. A maioria das crianças inglesas vê o pai somente dois minutos por semana. No Brasil, a presença do pai com os filhos, em média, é de duas horas por semana. São dados de pesquisas. É crescente o número de pais negligentes (45%), segundo pesquisa de Lídia Weber (2009)¹, da Universidade Federal do Paraná. A mesma pesquisa aponta 33% de pais participativos, 12% de pais permissivos e 10% de pais autoritários. Não é surpresa que na nossa sociedade liberal-permissiva (ZIKEK, 1999) somados os pais negligentes e permissivos temos 57%. Ou seja, os professores devem estar conscientes e tecnicamente preparados para lidar com turmas sem limites, ou sem um mínimo de código moral de convivência em grupo.

FONTE: Lídia Weber (UFPR)



¹ Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/051005/pesquisas.doc>>.

A autora ainda apresenta uma contradição entre esses pais:

A maioria dos participantes da pesquisa relatou que já recebera punições físicas (88,1%) e castigos (64,8%). Sobre punições físicas, 86,1% apanharam da mãe e 58,6% apanharam do pai, e 36,9% dos participantes relataram que já ficaram machucados. A maioria dos participantes apanhou nas nádegas (64,7%), e os punidores utilizaram mais frequentemente as próprias mãos (62,3%), embora o cinto (43,0%) e chinelo (42,3%) também tenham servido para punir. A avaliação que os participantes fizeram sobre os métodos disciplinares revelou uma contradição: 75,2% concordaram que, quando fazem coisas erradas, as crianças devem apanhar, mas somente 34,5% afirmaram que utilizarão punições físicas em seus filhos, e um número considerável (27,1%) afirmou não sabê-lo (WEBER, 2009).

Escapa ao propósito deste texto a análise sobre as palmadas e surras como suposta prática educativa. Contudo, esses dados são necessários para revelar uma contradição: embora a maioria desses pais seja negligente, a pesquisa aponta que os recursos “educativos” tradicionais persistem. Por quê? Qual será a explicação mais consistente? Tentaremos discutir essas e outras questões relativas ao efeito do declínio da autoridade do pai na família e a crise de autoridade na escola.

Na maioria das culturas, o pai, sempre o provedor, o chefe de família (pai de família), foi ausente na educação dos filhos. Ele transmite o sobrenome aos filhos, enfim, o pai força, onipotência, vontade absoluta, autoridade sem limites sobre filhos e sua mulher, que lhe devem obediência. Ou seja, mais do

que ser autoridade², a figura do pai estava investida de “poder” de vida e morte sobre os membros da família. Por conta disso, ao longo da história da humanidade, “o pai é suspeito de abuso, de maus-tratos ou de sedução insidiosa” (JULIEN, 1997, p. 21). Ainda que ele estivesse sempre viajando, aventurando-se em viagens ou trabalhando, o pai simbolicamente estava presente na família. Mesmo ausente por meses, anos, ou mesmo definitivamente, a figura simbólica do pai era presença marcante no lar que evocava sua autoridade de “lei” e “referência” para os filhos, ela própria, irradiando assim uma segurança no lar e o respeito da comunidade. Na presença e na ausência, o pai era mais temido do que respeitado; não raro, sua figura era objeto de identificação e veneração, por vezes, eram homenageados pela família e pela comunidade por seus feitos ou carisma pessoal.

Um dos traços da modernidade é o declínio da autoridade do pai, causando assim um desequilíbrio sem precedentes na família e na sociedade. Nas últimas décadas, a figura do “pai herói”, “pai patrão”, “chefe de família”, “pai-lei”, “*pater familias*”³ está em franco

² Diz-se de alguém que tem ‘autoridade’ quando seus enunciados e suas ordens são considerados legítimos por parte de quem ouve e obedece. Por exemplo: autoridade do médico para diagnosticar e curar, o juiz está investido de autoridade judiciária, o professor deve ser autoridade no assunto em que é contratado para ensinar, etc. Enquanto a autoridade é legitimada pelos outros, o autoritário se impõe apenas pela força e repressão. A sociologia diz que a autoridade usa de coerção, e o autoritarismo faz uso da repressão. O primeiro é respeitado, o segundo é temido.

³ *Pater familias* designa originalmente uma paternidade ao mesmo tempo política, religiosa e familiar. Ele é o *diminus*, o senhor da casa (*domus*), e também o patrão (*patronus*): ele é senhor que funda uma sociedade econômica (JULIEN, 1997, p. 13-14).

declínio na sociedade ocidental. Há autores que declaram que o patriarcalismo morreu. Para Julien (1997, p. 24) a data de sua morte é 1989, com a aprovação da lei sobre a degradação dos pais julgados indignos, na França. Seguir-se-á o restante: 1938, o poder marital sobre a esposa é suprimido; 1970 é a vez de ser suprimida do “pátrio poder”, em proveito da autoridade do “casal parental”, isto é, o pai dividirá com a mãe a responsabilidade com os filhos. Não se trata uma mera substituição de palavras, mas sim de “novos valores que entram na lei. A interdição de utilizar sanções corporais na criança para fazê-la obedecer, ou ainda o suposto acordo entre pais quando um deles toma uma atitude na vida diária relativa à criança supõem um tipo de reação em que o respeito pela palavra do outro prisma sobre o exercício de um poder” (HURSTEL, 1999, p. 124).

Outros autores entendem que sobrou muito pouco do ‘pátrio poder’, sobretudo quando a mulher passou também a deter um certo poder de estudar e trabalhar, somado ao que já tinha sobre os filhos. O que resta do poder do pai estaria na sua capacidade de procriação, mas há mulheres que dispensam o pai na procriação, isto é, comprando o material genético em uma clínica especializada. Uma vez convocado pela mãe, resta ao “novo pai” participar do cuidado e da educação dos filhos; ao contrário do pai tradicional, que vivia distante dos filhos, não se revelando como pessoa, agora esse ‘novo pai’ se vê envolvido também com a maternagem. Esse novo pai se torna importante se a mãe fracassou no seu papel, ou se ela não é vocacionada para ser mãe, mas sim, para ser uma empresária, intelectual, enfim, uma mulher que ousou romper com a tradição de apenas ser dona-de-

casa e criadora de filhos (RAMIRES, 1997, p. 112-117; HURSTEL, 1999, p. 179).

Há autores que estabelecem a relação entre o aumento da criminalidade e a ausência do pai na formação de personalidade dos filhos. Um pai excluído de sua função parece deixar na criança “uma imago inconsciente e primitiva da mãe, onipotente e perigosa. Essa imago desencadeia medo, agressão, idealização e induz a uma tendência a erradicar o pai e seus representantes” (CHASSEGUET-SMIRGEL apud RAMIRES, 1997, p. 69). No dizer de Martins (2009)⁴, “a mãe onipotente hoje se torna um Saturno devorando os filhos e castrando o pai”. Assim, a psicanálise suspeita de que tal mãe onipotente, que faz pacto simbiótico com a criança, impede a entrada do pai como operador simbólico, que, segundo a psicanálise, é o agente continuador da ordem civilizatória. No mínimo, ambos ficam presos a um mundo alienado da Lei, ou da ordem cultural. A função do pai, simbolicamente, é marcar um limite (a interdição do incesto); portanto, a função paterna permite, em princípio, um modo inicial de estruturação do sujeito em sua relação com a linguagem.

A psicanálise nos ensina a definir esse modo como o de um corte simbólico do laço primordial que une a criança à mãe por meio de um nome, o do ‘pai’, que representa a mãe – outra filiação que não é a da mãe. O pai é, na teoria psicanalítica, colocado primeiro (mas não exclusivamente) como um

⁴ Rosângela Martins: “Desamparo e subjetividade: a figura do pai na contemporaneidade”, defesa de dissertação do Mestrado em Psicologia, da Universidade Estadual de Maringá (UEM), em fevereiro de 2009.

princípio separador. (HURSTEL, 1999, p. 61).

Nosso imaginário ainda conceitua família a partir de: pai-mãe-filho(a). A família convencional tem o pai como figura que se destaca pela sua função simbólica, isto é, ele é presença-e-ausência. Ou, usando uma metáfora agostiniana: o pai é presença de uma ausência. Presença da lei divina na carne, na palavra e na ação do homem. Mesmo quando está fisicamente ausente, o pai presentifica-se com suas marcas: voz, palavra, atitude, altura mais elevada do que a mãe, comando, salário que sustenta da família, objetos pertencentes a ele, lugar físico onde ele se senta, etc. Em uma sociedade capitalista, mesmo que a mãe trabalhe fora, o ganho do pai tende a ser contado primordialmente, nem sempre por ser geralmente maior do que o recebido pela mulher, mas por ser significativo como “provedor” da família, dentro da cultura patriarcal, fato cada vez mais em declínio.

Pai real morto ou que está separado da mãe deve ser evocado por quem a educa (mãe ou metáfora de mãe), para que ela desenvolva sua personalidade integralmente. Além da *presença* – concreta ou simbólica - na família, o pai funciona como “operador simbólico a-histórico”, dissemos acima. Enquanto a mãe gera, nutre e dedica um amor total ao filho, o pai funciona como um mediador dessa relação fundada em uma simbiose. Além de ser representante na Lei da cultura, é o pai quem instaura a “lei” na família tradicional e, com sua autoridade, mediatiza a relação família com a sociedade. Enquanto a mãe instaura uma relação “horizontal” e “natural” com a criança, o pai tende a assumir uma relação “vertical” e “cultural” com ela e com os demais.

Hoje em dia, fala-se muito de limites e referências para as crianças. Muitas vezes vemos crianças e adolescentes faltando com o respeito, demonstrando indisciplina ou falta de educação com os pais e professores. Em vez de as criticarmos diretamente pela falta de educação, deveríamos nos perguntar: Onde está nela a imagem do pai? Que papel exerce a mãe em relação ao pai? É uma mãe que evoca a figura do pai, ou ela denega ou desqualifica o pai como figura imprescindível na estrutura familiar em nossa “modernidade líquida”⁵? Os motivos que podemos levantar como hipótese dessa falta de limites do jovem é: (a) a falta da autoridade paterna como norteador de sua formação; (b) resistência, incompetência ou onipotência da mãe ao ocupar esse lugar vazio da autoridade paterna; (c) a incompetência da escola e dos professores de funcionar como prótese desse sistema cultural falido.

Devido ao desamparo do pai na sociedade contemporânea, qualquer bom pai teme dizer “não” ao filho. Às vezes até consegue dizer “não”, mas o horror e a culpa de exercer sua autoridade ou de esta ser confundida como autoritarismo pelos vigilantes da nova ordem obriga-o voltar atrás e se omitir. O pai vive a negação de sua função tradicional. Vivemos a era do pai-banana, frouxo, impotente, castrado na sua autoridade, quer na palavra, quer no ato. Reforçando o já dito, ele deixa de exercer sua autoridade – necessária e providencial – porque teme excedê-la em autoritarismo, tão malvisto nas democracias pós-modernas.

⁵ “Modernidade líquida” é um termo forjado por Zygmunt Bauman (1998) em sua vasta obra. Para a observação marxiana, de que “tudo que era sólido se desmanchou”, sobra apenas uma modernidade liquefeita. Bauman afirma que “a pós-modernidade é uma modernidade sem as ilusões da modernidade”.

Então, o pai de nossa época termina pecando mais pela omissão do que pela palavra e pelo ato. E esse vazio deixado por ele, a mãe não dá conta de preencher. Daí ambos aceitarem tudo que a criança pede ou faz errado. A mãe também acompanha o pai na sua covardia moral, ou seja, não tem coragem de dizer e sustentar os 'nãos', bem como teme ser criticada como uma mãe fora de medida. Com o tempo, essa criança formada sem bússola não sabe para onde caminhar pela estrada da vida. Por um lado, existe a criança aparentemente livre, que na verdade se sente abandonada, visto que seus pais foram negligentes. Pesquisa de Lídia Weber (2009)⁶ aponta um aumento significativo no número de pais negligentes (45%). Causa-nos preocupação sobre a nova geração cujos pais se desresponsabilizam da sua função civilizadora. Por outro lado, aumenta o número de crianças mimadas, pequenos ditadores do lar, sem limites porque para elas "tudo pode", inclusive mandar nos pais (os filhos têm algum poder, mas não possuem autoridade sobre os pais). Que será o futuro de uma geração acostumada aos mimos, à sedução para ter coisas, a ter a ilusão de que com gritos e ameaças podem ter tudo? (Neste sentido, sugiro o filme "O senhor das moscas", baseado no livro homônimo, no qual o autor imagina uma sociedade só de crianças, isto é, não mediada por adultos). Como será o futuro de uma geração que aprendeu substituir os pais pelos ídolos do mundo artístico ou desportista? Como os demais reagirão a essas almas infantis em um corpo de

adulto? Um antigo filósofo alertava: *edue o seu filho com rigor hoje para que ele não termine amanhã numa prisão.*

Existem mães envolvidas de tal forma com o filho ou a filha que não deixam nenhuma de espaço para o pai chegar. Por um lado, pecam pelo excesso de carinho e atenção incondicional; por outro, pecam pela onipotência narcisista e simbiótica. Também existe pai que se acostuma com a imagem de "banana", assim também se desresponsabilizando pela educação dos filhos. Será que o(a) filho(a) quererá se lembrar de um pai marcante ou apagado? Um pai covarde ou herói, participante ou omissor?

* * *

Atualmente são cada vez mais frequentes jovens transgredindo regras de convivência, demonstrando assim seu descaso para com a autoridade e a lei social. A mídia noticia casos de violência ocorridos no espaço escolar, e o professor se queixa de que as novas gerações chegam à escola sem um mínimo de código de civilidade para convivência social.

Não se trata de achar quem é o culpado pelo avanço da barbárie na escola na vida cotidiana da sociedade. Mas é imperativo analisar as causas e os efeitos dos atos de incivilidade em nossa época. O desrespeito à autoridade e à lei começam em casa, por meio dos pais negligentes, permissivos ou cínicos e as crianças terminam "autorizando" a si próprias a atos desse tipo. Uma pesquisa aponta que 35% de adolescentes se autorizam trazer seu namorado(a) para dormir em casa. Os pais não foram consultados. São muitas as contradições dos pais entre a teoria e a prática. São tempos difíceis para os pais cumprirem o que as teorias sugerem. Embora bem informados, eles

⁶ Pesquisa de Lídia Weber, da Universidade Federal do Paraná, confere um aumento significativo de pais negligentes (45%). Os restantes são: pais participativos (33%), pais permissivos (12%) e pais autoritários (10%) (WEBER, 2009).

não sabem como aplicar determinados conceitos na realidade prática.

Jovens, em todos os tempos e culturas, sempre tiveram impulsos transgressivos; sempre se comportaram desafiando a autoridade e desprezando as regras de boa convivência. Em sua época, Sócrates (1980) já se queixava da juventude e pedia ao seu filho, Lâmpocles, o mais velho dos seus filhos, ser tolerante com sua mãe. Os jovens são intolerantes ou transgridem as regras – não necessariamente por maldade, mas sim para testar seus limites – dão asas aos seus impulsos e paixões, levam ao máximo sua liberdade e senso de independência, não se importando em ter de pagar um alto preço por isso.

Por isso alguns especialistas associam o "declínio da lei-do-Pai" com o aumento da delinquência infantil e adulta e dos sinais de barbárie ou retrocesso na nossa civilização. No período pós-guerra, Theodor Adorno (1995a, 1995b) alertava que a escola é a única instituição capaz de evitar que a barbárie se estabeleça na sociedade. Então, que faz a escola contemporânea para barrar a barbárie? A escola cumpre com o seu papel civilizador "entre o passado e o futuro", como observa Hannah Arendt (1972).

O desrespeito em relação ao pai se reproduz na rede simbólica de sustentação das demais autoridades da sociedade: professor, diretor, reitor, prefeito, governador, presidente. Qualquer autoridade é herdeira da função paterna original. Não é que os adolescentes estejam mais indisciplinados do que os de antigamente, mas as contradições da sociedade, sim. Também cresce o número de filmes e *games* que barbarizam a nova geração; o conteúdo dos programas da televisão contribui

para "o desaparecimento da infância" (POSTMAN, 1999). Como resultado desse desaparecimento, segundo esse autor, surge uma "adultificação das crianças" e um "adulto infantilizado" (POSTMAN, 1999, p. 138-141). O declínio da autoridade do pai abre caminho para a suspensão da lei cultural e ainda impede dois sentimentos fundamentais para formar um sujeito ético: vergonha e culpa. Vergonha diz respeito ao fracasso de cumprir as obrigações emanadas da lei paterna; e culpa remete à transgressão de uma lei. Ambos os sentimentos são imprescindíveis para a formação do sujeito moral. O sujeito "sem vergonha" é alguém que, por um lado, ignora e despreza o juízo dos outros e, por outro, não considera condenável, aviltante, cometer certos atos condenados pela moral vigente (LA TAILLE, 1996, p. 16). Para além do autor, ousaria dizer que vergonha e culpa são sentimentos construídos pelo sujeito em confronto com a Lei-do-pai. Na família tradicional, bastava o pai olhar fixamente para os filhos baixarem os olhos, envergonhados, e se se tratasse de uma transgressão, eles sentiriam culpa.

Se aproximarmos "o declínio da autoridade do pai" ao "declínio da infância", funda-se um desequilíbrio de funcionamento na família, na escola e na sociedade. Funda-se, por exemplo, um perigoso sintoma para a sobrevivência da sociedade: um brutal aumento de crianças e adolescentes cometendo crimes de adultos (POSTMAN, 1999, p. 148-150)

* * *

O sentido de educar aponta basicamente para três pontos: a) desnaturalização dos impulsos para ascender à civilidade, bem como a consideração e o respeito com o seu "próximo"; b) adiamento da

realização dos desejos, ou seja, "incitar a superar o princípio de prazer, substituindo-o pelo princípio da realidade"; c) ter um Outro como mediador. Se esse Outro está completamente ausente, na hora "h", ou está mal posicionado, não haverá educação "possível".

Educar sempre foi um trabalho difícil. Freud certa vez disse que governar, psicanalisar, e educar são três tarefas impossíveis. As mudanças radicais ocorridas na estrutura da família moderna, as alterações na ordem cultural que trocou a verticalidade pela horizontalidade nas relações humanas e sociais, os novos valores e costumes impostos pela mídia, todos esses fatores fazem a educação ser uma tarefa difícil, complexa e talvez impossível. Embora transpareça aqui algum pessimismo, devemos adotar uma perspectiva de esperança na ação educativa.

A educação dirigida por imposições morais (dever, obrigações, controle dos "bons" hábitos, disciplina, os frios regulamentos e códigos feitos de fora para dentro) não mais funciona. Esse tipo de educação tradicional e moralista funcionava no passado porque era sustentado por uma rede simbólica em vários setores da sociedade. Hoje essa rede simbólica está frágil. Os *slogans* libertários da década de 1970 ("é proibido proibir", "abaixo o poder", etc.) em vez de libertar as pessoas geraram indivíduos apáticos ou com disposição para a revolta e a delinquência. Outros, tomados pelo espírito de *pharmakon*, deixam-se levar pelas drogas, bebidas, a compulsão pela velocidade fatalista dos carros e esportes radicais. Na sociedade liberal-permissiva principalmente, "os jovens se sentem na obrigação de divertir, de "curtir a vida", como se fosse uma espécie de dever, e, conseqüentemente,

se sentem culpados quando não são felizes" (ZIZEK, 1999). Na maioria das vezes, a adolescência é uma etapa de transição, um vir-a-ser, e também um efeito dos conflitos intrafamiliar e do conflito com a sociedade. Se na década de 1970 a palavra de ordem dos jovens era contra a repressão do pai e das autoridades, e isso fazia sentido porque os países latinos viviam sob ditaduras militares, no início do terceiro milênio os jovens não têm palavra de ordem. Cada qual pensa e age como quer. Já não existe um ponto convergente para unir seu desejo. Pior, os adolescentes de hoje "sonham pequeno", observa Calligaris (2007).

Não encontro ninguém (nem de 12 ou 13 anos) que sonhe em ser militante do Greenpeace. Os mais entusiastas se propõem a estudar oceanografia ou veterinária, mas é para ser professor, funcionário ou profissional liberal. Eles são 'razoáveis': seu sonho é um ajuste entre suas aspirações heróico-ecológicas e as 'necessidades' concretas (segurança do emprego, plano de saúde e aposentadoria) (CALLIGARIS, 2007).

Então, como será a sociedade do futuro cuja família passou a conviver com o desaparecimento onipotencial do pai? Autores como Hurstel (1999) apontam "evoluções familiares" em direção a formas e famílias diversificadas (monoparentais, recompostas, concubinatos, família conjugal urbana ainda estável), ou seja, em vez de vaticinar um caos social, a autora prevê no lugar do pai tradicional, afetivamente distante dos filhos, um novo pai mais próximo, inclusive interessado em cuidar deles ou dividindo tarefas com as mães. A maternagem deixa de ser um monopólio das mulheres para ser também uma tarefa do pai. Onde existia hierarquia, pai mandando e a mãe

obedecendo, é possível agora se ter cooperação e complementação, sobretudo para cuidar dos filhos (RAMIRES, 1997, p. 112-117).

Dito de outro modo, antes a educação estava baseada na *moral* (regras impostas) do mais forte e na tradição. Com o declínio do pai, a educação passa a ser orientada pela *ética* da cooperação e da complementação; assim, cabe ao casal parental ser responsável pela educação dos filhos. Uma educação orientada na ética leva o sujeito a introjetar a lei dos princípios da civilização que faz do indivíduo um sujeito. Se o *sujeito* é construído desde criança, ele saberá conduzir sua própria existência para o melhor caminho. Será um sujeito responsável pelos seus atos de escolha. Há uma diferença sutil entre não fazer algo ruim porque o pai não quer e "porque ele sabe que não deve fazer porque ele assim sabe discernir".

Proibir jovens de cantar musiquinhas de palavrão, ou impor um regulamento fixando horários de saída e chegada é um caminho moral, e até legal, mas não resolve o problema do seu desrespeito à autoridade. Por isso nos alerta Imbert (2001) ao dizer que os professores tradicionalmente estão impregnados de moral, mas será que possuem uma ética? Portanto, educar no contexto atual é reposicionar pai e mãe; na escola, em vez de reproduzir a moral dominante, cabe aos professores ocuparem um lugar ético de ensinar tudo que for possível para civilizar os alunos. Ocupar um lugar ético é ser mais ato do que palavras; é se oferecer mais como exemplo do dia-a-dia, acompanhando os aprendizes a se construírem como sujeitos.

Na cultura ocidental contemporânea, onde a autoridade está em franco desprestígio, os jovens vivem nos extremos. Uns vivem em grupos ou

bandos, como se buscassem uma identidade coletiva, talvez para preencher seu vazio de identidade. Outros se isolam em seu próprio mundo. Em casa, trancam-se no seu quarto e quando aparecem nada falam, não olham olho-no-olho, também não querem saber da vida concreta. No Japão atual, esse isolamento tem um nome: *hikikomore*. Tal isolamento lembra o quadro clínico do autismo, porque o jovem se faz de inacessível ao Outro. Todavia, ambos os estilos de vida se apresentam como inacessíveis à autoridade do pai, da mãe, do professor, do diretor da escola, do delegado, etc. Eles fingem que não estão nem aí, literalmente. Fazem pouco caso de quem lhes cobra uma atitude de participação ou responsabilidade. Nos anos 1970, psicanalistas argentinos associavam os adolescentes à psicopatia "normal" dessa fase do desenvolvimento. Ainda que precisem dos adultos para levar adiante seu estilo de vida, jamais irão reconhecer.

O auto-isolamento dos jovens hoje pode ser fuga, por meio da música, de filmes, *sitcons*, games, ou pelos próprios devaneios do pensamento. O agrupamento dos adolescentes parece não servir para elaborar sua crise normal, ou pensar os acontecimentos, serve apenas como agrupamento especular ou narcísico. Pergunto-me se esses jovens não estão convivendo com mais um luto: a morte simbólica do pai. E com um novo medo ou pavor: o futuro incerto, porque tudo que era sólido se desmanchou. Se a antiga fórmula "ser pai é ter tido um pai", como será o futuro onde o pai é incerto, múltiplo ou definitivamente ausente?

Nosso propósito neste texto não pretendia fazer uma revisão do complexo de Édipo que, do ponto de vista da psicanálise, é o momento

crucial do salto do indivíduo para ser um sujeito diferenciado dos outros na sociedade. O superego de cada sujeito é herdeiro do complexo de Édipo na concepção freudiana.

Concordamos com Ramires (1997, p. 25) que o exercício da paternidade parece constituir uma porção insignificante nos estudos de formação da personalidade do ser humano, enquanto as publicações sobre a maternidade são abundantes. Pretendemos, aqui, tão-somente refletir sobre algumas causas e consequências do declínio da autoridade do pai na família e na escola. Mas trata-se de apenas uma introdução, caro leitor. Convido-o a avançarmos juntos nesse estudo.

Referências

- ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995a.
- ADORNO, Theodor W. **Palavras e sinais**. Petrópolis: Vozes, 1995b.
- ARENDT, Hannah. A crise na educação. In: _____. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1972. p.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- CALLIGARIS, Contardo. Os sonhos dos adolescentes. **Folha de São Paulo** - Cad. Ilustrada, São Paulo, 11 jan. 2007.
- HURSTEL, Françoise. **As novas formas de paternidade**. Campinas: Papirus, 1999.
- IMBERT, Francis. **A questão da ética no campo educativo**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- JULIEN, P. **A feminilidade velada: aliança conjugal e modernidade**. Rio de Janeiro: C. Freud, 1997.
- LA TAILLE, Yves. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO, Julio Groppa. **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996. p. 9-37.
- POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Grafia, 1999.
- RAMIRES, Vera Regina. **O exercício da paternidade hoje**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.
- SOCRATES. **Defesa de Sócrates**. São Paulo. Abril Cultural, 1980. (Os pensadores).
- WEBER, Lidia. **Estilos e práticas parentais no desenvolvimento da personalidade**. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/051005/pesquisas.doc>>. Acesso em: 27 fev. 2009.
- ZIZEK, Slavoj. O superego pós-moderno. **Folha de São Paulo** - Caderno Mais!, São Paulo, 23 maio 1999. p. 5-8.



* Esse artigo está impresso no livro “Educação no Século XXI: Múltiplos Desafios”. Organizado por Sandra Regina Cassol Carbello e Sueli Ribeiro Comar. Maringá: *Eduem*, 2009, p. 119-128.



** **RAYMUNDO DE LIMA** é Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é professor do Depto. Fundamentos da Educação, na área de Metodologia da Pesquisa, da Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: ray_lima@uol.com.br